

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXVI - 1997

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

DOMINGOS J. DA CRUZ
Assistente da Faculdade de Letras de Coimbra

ALEXANDRE J. F. CANHA
Finalista da Licenciatura em História (var. de Arqueologia) da Faculdade de Letras de Coimbra. Membro do Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta

ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA MAMOIA 4 DO “RAPADOURO”
(PENDILHE, VILA NOVA DE PAIVA, VISEU)
“Conimbriga” XXXVI (1997) p. 5-26

RESUMO: Publicam-se os resultados dos trabalhos de escavação arqueológica realizados no Monumento 4 do sítio de “Rapadouro” (Pendilhe, Vila Nova de Paiva, Viseu).

O monumento apresentava-se em mau estado de conservação. A informação recolhida permite adiantar que se trataria de um *tumulus*, com cerca de 10 m de diâmetro, inteiramente construído em pedra (“cairn”). Na sua parte central inserir-se-ia uma câmara funerária, fechada, de pequenas dimensões, muito provavelmente do tipo “dólmen simples”. O espólio reduz-se a um conjunto de seis micrólitos, em sílex, do tipo “segmento”, de pequenas dimensões, para além de uma micro-lasca retocada, de quartzo hialino, duas lascas residuais, em sílex, e alguns fragmentos de cerâmica pré-histórica.

Este tipo de construção tumular não é muito comum na Beira Alta, como no Norte de Portugal, no Neolítico Final. A ocorrência da mesma solução construtiva no dolmen do “Picoto do Vasco”, cujo encerramento primário terá ocorrido no primeiro quartel do IV milénio a. C., para além de outros indicadores de carácter regional, permitem admitir uma cronologia antiga para este monumento, situável nos inícios do megalitismo da região.

ABSTRACT: Here are the results obtained through the archaeological field-work done on the mound 4 of “Rapadouro”, Pendilhe, council of Vila Nova de Paiva, district of Viseu.

Conimbriga, 36 (1997) 5-26

The monument has been re-utilized in recent times by the construction of a small shelter for shepherds, which shows a great state of decay. The information acquired allows us to advance the idea that it concerned a tumulus with about 10 m in diameter, which is totally built with stones (type cairn). Within its center there would probably be an enclosed small burial chamber, possibly a small dolmen without a passage.

The findings amount to a set of six small flint geometrical microliths of a segment type, a retouched micro-splinter of hyaline quartz, two residual flint flakes and some pre-historical ceramic fragments.

This type — cairn — construction is not common in Beira Alta, as it is in the North of Portugal during the Late Neolithic. The similarity with the dolmen of “Picoto do Vasco”, whose first enclosure have probably taken place at the beginning of the IV millennium BC — plus other regional characteristics —, allows us to admit an ancient chronology for this monument, i. e. from the beginning of the megalithism in the region (c. 4500-4000 BC).

ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA
DA MAMOA 4 DO “RAPADOURO”
(PENDILHE, VILA NOVA DE PAIVA, VISEU)

0. Introdução

Os trabalhos arqueológicos realizados na Mamoa 4 do “Rapadouro” integram-se no projecto de investigação de um dos autores (DJC), sobre o megalitismo e a Pré-história Recente da Beira Alta, centrado nos monumentos tumulares identificados na Serra da Nave. Mais restritamente tinham por objectivo a conclusão do estudo deste grupo de *tumuli*, três dos quais intervencionados em campanhas realizadas em 1994 e 1995.

A escavação do monumento 4 decorreu de 29 de Julho a 27 de Agosto de 1996, sob a direcção dos signatários. Os trabalhos foram autorizados pelo Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, entidade que também apoiou a sua concretização, com a concessão de um subsídio. A Câmara Municipal de Vila Nova de Paiva, como em campanhas anteriores, apoiou logisticamente este e outros trabalhos de escavação (instalações, equipamento, transportes, etc.), para além de subsidiar parte das despesas havidas com a estada da equipa. De igual modo, o Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta suportou parte das despesas relacionadas com os trabalhos de campo.

Participaram na escavação arqueológica os seguintes estudantes universitários: Miguel Filipe Correia, Augusto Jorge da Costa Aveleira, Lília Neto Basílio, Artur Serra, Sónia Marques Gabriel, Goreth Idalina Cesário Félix, Sandra Pereira Neto, Miguel António Paixão Serra, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Cristina Varela Suarez, Sonia López Melón, Eva González Fernández, da Faculdade de Geografia e Historia da Universidade de Santiago de Compostela.

A documentação gráfica foi finalizada em gabinete pelo Dr. J. Luís Madeira, do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

1. Localização

O monumento situa-se a cerca de 1250 m para NE da povoação de Pendilhe, presumivelmente em terrenos baldios, presentemente ocupados por vegetação arbustiva, constituída sobretudo por giestas de grande porte, com alguns pinheiros esparsos, no sítio localmente conhecido por “Rapadouro”.

O acesso faz-se pela estrada municipal 225 (Castro Daire — Vila Nova de Paiva) e pela estrada alcatroada que, ao Km 78, a partir daquela via (à entrada de Pendilhe), segue em direcção ao Santuário do “Senhor da Piedade”. O sítio do “Rapadouro” localiza-se a cerca de 250 m para sul do cruzamento que conduz à pequena povoação de Algodres de Cima, acedendo-se-lhe por caminhos de pé posto, em terra de pinhal. Aqui têm origem várias pequenas linhas de água, engrossando o caudal da “ribeira da Pedrinha” — irrigando o extenso e largo “vale de Pendilhe” — e outras, correndo, tal como aquelas, de SE para NO, mas todas subsidiárias do rio Mau, cujo curso nesta área da serra se orienta segundo a direcção NE-SO.

Trata-se de um relevo arredondado, sobranceiro à povoação de Pendilhe, com solos muito delgados ou inexistentes. A designação de “Rapadouro” derivará exactamente do aspecto “desolado”, sem vegetação, ou seja “rapado”, particularmente quando a pastorícia tinha ainda alguma importância na economia local e a quase totalidade dos terrenos desta parte da serra eram baldios. Os rebanhos, explorando até à exaustão os recursos vegetais, deixavam a área reduzida ao soco granítico, acelerando-se, ao longo dos anos, o processo erosivo. Presentemente, desenvolve-se aqui uma vegetação arbustiva, própria dos terrenos degradados, constituída sobretudo por giestas e tojo, intercalada por alguns retalhos de pinhal.

O grupo de *tumuli* do “Rapadouro” situa-se na encosta oriental do outeiro localmente conhecido por “Espinho”: um dos monumentos, o de maiores dimensões, ocupa o seu cume (852 m), proporcionando-lhe, por esse facto, uma dominância visual, de nível local, mais significativa; os restantes, de menores dimensões e pouco relevados no terreno,

alinham-se, a curta distância, para leste. O monumento 4 distancia-se deste grupo, implantando-se na periferia do outeiro, um pouco isolado, em zona aplanada levemente sobrelevada, à altitude média de 850 m, não longe de uma pequena linha de água. Está, por assim dizer, no limite deste cabeço de encostas suaves, o que lhe confere destaque muito localizado na paisagem envolvente (1).

Administrativamente, pertence à freguesia de Pendilhe, concelho de Vila Nova de Paiva, distrito de Viseu. Tem as seguintes coordenadas geográficas (“Carta Militar de Portugal” na escala de 1:25.000, folha 157 — Castro Daire, 2.^a edição, 1987): 40° 54 37,29 de latitude norte; 18° 31 de longitude este (meridiano de Lisboa) (Fig. 1).

2. Contexto arqueológico

O monumento em estudo faz parte do núcleo sepulcral do “Rapadouro”, constituído por quatro *tumuli*. O monumento 1 é topograficamente dominante no contexto geográfico local, quer pela sua implantação no topo do relevo, quer pela volumetria do montículo; de certa forma, o monumento 4, atendendo às dimensões do único esteio visível (E.1), localização em área aplanada sobre leve ondulação do terreno e, presumivelmente, do *tumulus* que originalmente o envolveria, teria também destaque mais significativo nesta paisagem de relevos suaves, particularmente se olhado comparativamente com a situação topográfica dos monumentos 2 e 3, mais diluídos no terreno (2).

A sua distribuição espacial é muito próxima (Fig. 2). Os monumentos 1, 2 e 3, sensivelmente alinhados segundo a direcção OSO-ENE, distanciam-se entre 30 a 40 m; o monumento 4 encontra-se um pouco mais longe, cerca de 230 m para ESE relativamente ao monumento 1 e 130m para SE do monumento 3, surgindo algo isolado no contexto do grupo, não derivando este “isolamento” da impossibilidade prática da implantação de outras construções tumulares nos espaços existentes

(1) Apesar da proximidade dos quatro monumentos, actualmente, devido à espessa vegetação, apenas é possível o contacto visual com o monumento 1.

(2) Os monumentos 1, 2 e 3 foram estudados em 1994 e 1995 por um dos autores, no âmbito do projecto já referenciado sobre o megalitismo da Beira Alta. A publicação dos resultados desses trabalhos far-se-á em tempo próximo, no contexto de uma análise de conjunto.

entre este e aqueles. De facto, o terreno é aplanado, possibilitando a disposição de muitos outros túmulos de características similares.

As escavações desenvolvidas nos três monumentos revelaram estruturas tumulares de tipo “cairn”, de diferente volumetria, variando entre 7/8 e 17/18 m de diâmetro, contendo na sua parte central câmaras sepulcrais também de diferente tipologia. Um pequeno espaço, baixo, de planta rectangular, resultando do aproveitamento das cavidades naturais abertas no substrato por efeito das inúmeras diáclases do granito, associadas a pequenas lajes onde as “paredes” proporcionadas pelas linhas de fractura eram baixas ou não existiam; uma cista, baixa, de planta rectangular, formada, presumivelmente, por quatro lajes de granito (foram identificadas apenas três), duas das quais dispostas no terreno segundo o seu lado maior; uma cista megalítica, também de planta rectangular, constituída por oito pequenos esteios.

Estes três *tumuli* forneceram materiais tardios, integráveis nos finais do Calcolítico ou, mesmo, nos inícios da Idade do Bronze, como sejam, fragmentos de vasos troncocónicos e outros, com decoração campaniforme. O monumento 1, no entanto, forneceu também um conjunto de micrólitos e um machado de pedra polida, espalmado, para além de outras cerâmicas, materiais que, de qualquer modo, não invalidam a hipótese de cronologia acima referida (3).

Nesta área da serra da Nave, em contexto mais alargado, destaca-se ainda uma sepultura, situada nas imediações da capela do “Senhor da Piedade” (4), destruída em 1980 quando das obras de remodelação do referido templo. Tratar-se-ia de um *tumulus*, cujas características desconhecemos, que conteria na sua parte central uma cista “pequena e

(3) Deste monumento encontram-se em curso duas análises radiocarbónicas, a partir de ossos recolhidos na câmara funerária, cujos resultados, certamente, ajudarão a definir a sua cronologia. Dos monumentos 2 e 3 fizeram-se também análises radiocarbónicas de amostras de madeira carbonizada recolhidas nas terras existentes sob os respectivos “cairns”, que se revelaram anómalas. De facto, este tipo de edifício tumular coloca problemas particulares quanto à fiabilidade das amostras, pois são estruturas favoráveis à infiltração de elementos carbonosos bastante mais tardios, particularmente quando não se registou a colmatação imediata dos espaços intersticiais com terra, o que terá acontecido no “Rapadouro”. A fraca potência de terras que hoje se regista neste sítio já seria uma realidade nos tempos pré-históricos, bem como a ocorrência de incêndios, naturais ou provocados, com a conseqüente destruição da vegetação existente.

(4) “... onde apareceu o *santo*”, a que é dedicado o templo, no dizer popular.

rectangular” (5). Desta estrutura sepulcral resta um dos esteios, depositado no Museu Paroquial de Queiriga. Este elemento apresenta uma “porta”, de recorte sub-rectangular, lembrando-nos um outro monumento da região — a orea dos “Lenteiros”, situada no “Chão de Lenteiros”, nas proximidades do lugar da Cerdeira (freg. de Touro) (6).

Sem dúvida que este elemento é interessante, embora a informação disponível seja escassa. Pela proximidade — o “Senhor da Piedade” situa-se a cerca de 2500 m para NO do “Rapadouro”, — mas também porque a mamoa 2 de “Rapadouro” apresenta, inserto no *tumulus*, no prolongamento de um dos lados menores da cista, um espaço aberto, de planta subcircular, de tipo “átrio”, definido por grandes lajes, o que traduz a possibilidade de “comunicação” com o interior do sepulcro (ou o contacto com o seu conteúdo), seja através de uma abertura existente num dos esteios que compõem a câmara funerária (que designamos de “porta”) ou outro processo, nem sempre implicando a remoção da laje de cobertura (7), querendo isto significar que os cemitérios construídos em momentos tardios, inseríveis nos finais do Calcolítico e inícios da Idade do Bronze, implicavam um cerimonial

(5) Cfr. Avantino Loureiro Beleza, “Levantamento Arqueológico do Concelho de Vila Nova de Paiva”, Coimbra, 1981, fl. 48. Relatório inédito apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

(6) Este monumento foi observado por G. e Vera Leisner («Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, I: Der Westen», *Madridrer Forschungen*, I, Berlim, 1956), que dele nos deixou uma planta (Tafel 28-2 ; Est. 63.2). Trata-se de uma cista, de planta rectangular, formada por quatro esteios, um dos quais com uma abertura na sua base. Este edifício central é envolvido por uma mamoa, com cerca de 15 metros de diâmetro. Não se conhece qualquer espólio. A sua cronologia é imprecisa, mas admite-se que se trate de um tipo sepulcral tardio. Vide também H. N. Savory, *Espanha e Portugal*, Lisboa, Editorial Verbo, 1974, pp. 108-109, foto 16.

(7) Este tipo de estruturas lembra-nos uma outra, do Norte de Portugal, integrada num cemitério de, pelo menos, três *tumuli* — necrópole de Chã de Arefe (Durrães, Barcelos) — que revelou, num deles, para além da cista propriamente dita, um espaço, reduzido, no prolongamento daquela, que os seus escavadores designaram de “antecâmara”, onde se recolheu, *in situ*, um braçal de arqueiro. Cfr. Silva, A. C. F.; Lopes, A. B.; Maciel, T. P. (1981), «A necrópole do Bronze Inicial da Chã de Arefe (Durrães, Barcelos) — Primeira notícia», *Arquivo do Alto Minho*, 3.^a série, 26, Viana do Castelo, pp. 49-61; vide também Cruz, D. J. (1991), *A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal no Contexto Arqueológico da Serra da Aboboreira e da Pré-história Recente do Norte de Portugal*, Conimbriga/Anexos 1, Coimbra, pp. 114-115.

elaborado, e renovável, mais complexo do que tem sido, até agora, possível observar através das evidências arqueológicas.

Ainda nesta área da Serra da Nave devemos assinalar dois outros núcleos de monumentos: o da “Lameira Travessa”, constituído por dois *tumuli*, de pequenas dimensões, com câmaras funerárias, também pequenas, do tipo “cista megalítica”, na sua parte central, distantes um do outro pouco mais de 40 metros; situam-se na periferia de uma linha de água, em terrenos depressionados, de reduzido declive, o que provoca a formação durante alguns meses do ano de um autêntico “lameiro”; a monumentalidade é reduzida e a visibilidade muito localizada (8).

Para SSE deste núcleo, a cerca de 250 metros, desenvolve-se um outro, no sítio de “Travessas da Orca”, constituído por cinco monumentos, pouco destacados no terreno, alguns deles revelando pequenas câmaras cistóides; trata-se, muito provavelmente, de pequenos “cairns”, grosseiramente alinhados a partir de um monumento central, localizado na linha de fecho desta elevação, dispondo-se, para sul e para norte, nas superfícies pouco acidentadas das suas abas. Mais isolado, e mais distante, a cerca de 500 metros para SO do monumento central (n.º 3) deste núcleo, um outro *tumulus*, sobre ligeira elevação do terreno, entre linhas de água, no sítio da “Barroca da Eirinha”, também este mostrando restos de uma câmara cistóide na sua parte central.

Preconizamos uma cronologia tardia para os monumentos destes diferentes grupos, situados nas plataformas baixas da Serra da Nave, já muito próximos do amplo “vale de Pendilhe”, o que parece traduzir uma importante ocupação desta área da serra nos finais do Calcolítico ou, mesmo, nos inícios da Idade do Bronze, como parecem significar alguns dos materiais já conhecidos, nomeadamente a cerâmica campaniforme, para além de outros elementos de cronologia mais incerta, como seja a tipologia arquitectónica, a localização no espaço geográfico, as dimensões dos *tumuli* e das câmaras funerárias, etc.

Nesse sentido, aliás, apontará também um outro núcleo de monumentos, localizado no sítio da “Casa da Raposa”, constituído por quatro

(8) O monumento 1 foi estudado, em 1996, por uma equipa constituída por antigos alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O monumento 2 será escavado em 1997 por alguns elementos daquela equipa. Cfr. A. S. Castro, A. J. M. Silva, C. R. Silva, L. C. Sebastian, «Trabalhos de escavação arqueológica realizados no monumento 2 da “Lameira Travessa” (Pendilhe, Vila Nova de Paiva, Viseu)», *Estudos Pré-históricos*, 5, Viseu, 1997 (no prelo).

pequenos montículos, para além, possivelmente, de um outro, isolado, na chã do “Pousadão”, situados em áreas aplanadas, a sul da povoação de Pendilhe, a cerca de 1500 metros de distância, ainda que a sua cronologia seja mais incerta, pois o tipo de estruturas assemelha-se muito a outras que, nestes últimos anos, têm sido identificadas em diferentes áreas da Beira Alta (concelhos de Viseu, Tondela, Castro Daire, etc.), cujos materiais e datações radiocarbónicas as situam nos finais da Idade do Bronze ⁽⁹⁾.

A representação das construções funerárias de cronologia antiga pode exemplificar-se com a “Orca” ou “Casa da Moura” de Pendilhe ⁽¹⁰⁾, situada num vale de fundo aplanado, cuja mamoa foi destruída com a intensa utilização agrícola destas terras baixas e bem irrigadas; trata-se de um dolmen de grandes dimensões, de câmara poligonal, de nove esteios, com um corredor de acesso, originalmente com cerca de 5,30 m de extensão; os esteios, ou pelo menos alguns, seriam pintados; tal como a maior parte dos dólmenes deste tipo da Beira Alta, a sua cronologia inserir-se-á no período de 4000/3600 a. C.⁽¹¹⁾, nele se integrando o espólio lítico exumado, sobretudo micrólitos e ponias de seta de base triangular; o monumento, como tantos outros da região — orca de “Moinhos de Rua” (Alhais, V. N. Paiva), orca das “Castonairas” (Fráguas, V. N. Paiva), orca de “Seixas” (Ariz, Moimenta da Beira) ⁽¹²⁾, * 1.

⁽⁹⁾ A identificação dos monumentos acima referenciados, insertos na área de Pendilhe, teve a contribuição importante do Dr. António Sérgio Santos Pereira, diplomado em Arqueologia pela Universidade de Estácio de Sá (Brasil). Em outros sectores da Serra da Nave, para além da colaboração de várias pessoas locais, destacamos o entusiasmo do Sr. Artur José Pires de Moraes, com quem temos percorrido algumas áreas da serra. A ambos agradecemos a disponibilidade e o interesse pelo património do concelho.

⁽¹⁰⁾ Cfr. Leisner, G. e V. (1956-59), «Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, I: Der Westen», *Madridrer Forschungen*, I Berlim, 1956 [Tafel 15-2]; Moita, I. (1966), «Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta», *Ethnos*, V, Lisboa, 1966, pp. 189-277 [p. 229, est. VI].

⁽¹¹⁾ Cronologia expressa em anos reais, como, aliás, todas as referências cronológicas deste texto.

⁽¹²⁾ Monumento estudado, na década de 60, por V. Leisner e L. Ribeiro, cujos resultados permanecem inéditos. Conhece-se uma datação radiocarbónica para este dolmen (GrN-5734: 4900±40 BP), relativa à utilização da base da câmara (P. Kalb, «Zur relativen Chronologie Portugiesischer Megalithgräber», *Madridrer Mitteilungen*, 22, Berlim, 1981, pp. 55-77), situável entre 3770 e 3640 a. C. (D. J. Cruz, «Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Noroeste Peninsular e da Beira Alta», *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, 1995, pp. 81-112).

etc. — foi reutilizado como espaço sepulcral pelas populações portadoras do vaso campaniforme.

Por fim, destaca-se a orca do “Picoto do Vasco”, situada proximalmente, nos limites das freguesias de Pendilhe e Vila-Cova-a-Coeleira⁽¹³⁾. A sua localização é bem diversa da referida para a “Casa da Moura” de Pendilhe. Implantada sobre o cume de um outeiro, impõe-se dominantemente na paisagem envolvente a uma escala bastante mais dilatada. Trata-se de um dolmen, de oito esteios, com “vestíbulo” de acesso, prolongado para o exterior por um extenso “corredor intratumular” e um pequeno “átrio”, de planta ovalada, na periferia.

Construtivamente é também bem diverso dos monumentos deste tipo do Noroeste peninsular e da Beira Alta. Trata-se de um *tumulus* inteiramente construído em pedra; alguns dos esteios da câmara apresentam pinturas e gravuras; o espólio é sobretudo lítico, para além de dois vasos, de pequenas dimensões, um dos quais com decoração simbólica, recolhidos *in situ* no “átrio”. Uma primeira datação radiocarbónica⁽¹⁴⁾ situa a sua utilização primária, imediatamente anterior ao encerramento ritual do sepulcro, entre 4030 e 3810 a. C., confirmando

⁽¹³⁾ Nestes textos referem-se alguns monumentos recentemente estudados, ou em curso de escavação, por D. J. Cruz, no âmbito do projecto “O megalitismo no Alto Paiva”, cujos resultados serão publicados proximalmente. E o caso da “Casa da Moura” de Pendilhe, orca de “Moinhos de Rua”, orca das “Castonairas” e a orca do “Picoto do Vasco”. Sobre este último veja-se: M. J. Abrunhosa, A. A. H. B. Gonçalves e D. J. Cruz, «Ocorrência de rochas vitrificadas no Dolmen do “Picoto do Vasco” (Vila Nova de Paiva, Viseu)», *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, 1995, pp. 167-185; *idem*, «Ocorrência em Portugal de rochas vitrificadas em contexto pré-histórico: primeira notícia», *Memória n.º 4. Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto*, Porto, 1995, pp. 683-685 [“IV Congresso Nacional de Geologia” (Porto, 14 a 18 de Dezembro de 1995. Resumos alargados)]; F. P. Figueiredo, L. Catarino, A. S. Castro, A. J. M. Silva, C. R. Silva, D. C. Paulo, L. C. Sebastian, N. M. Silva e V. S. Dias, «Métodos eléctricos de resistividade aplicados ao estudo de monumentos megalíticos: o dolmen de “Picoto do Vasco”», *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, 1995, pp. 187-199.

⁽¹⁴⁾ GrN-22443: 5140±40 BP (3978-3828 cal BC e 4031-3806 cal BC, para os graus de confiança de 1 e 2 sigma, respectivamente). Calibração com base na curva de M. Stuiver e G. W. Pearson, *Radiocarbon*, 35, 1993, pp. 1-23, a partir do *Radiocarbon Calibration Program*, versão 3.0.3c, do Quaternary Isotope Laboratory, University of Washington, com curva de 20 anos (M. Stuiver e P. J. Reimer, *Radiocarbon*, 35, 1993, pp. 215-230). Encontram-se em curso doze outras análises sobre amostras de carvão vegetal, sedimentos carbonosos e ossos humanos, nos laboratórios de Groningen (Holanda), Oxford (Inglaterra) e do CSIC (Espanha).

a cronologia que nestes últimos anos tem sido definida para os monumentos abertos, de grandes e médias dimensões, com corredor de acesso e outras estruturas complexas, da região da Beira Alta⁽¹⁵⁾.

O monumento não estaria completamente isolado. A cotas mais baixas, à distância de duas a três centenas de metros, situavam-se dois outros dólmenes, de dimensões médias, ambos destruídos: um — a “Casa da Moura” —, quando da construção da estrada que leva à povoação da Carvalha; o outro, mais recentemente, há cerca de quinze anos, com a abertura do “aterro sanitário” municipal.

A região, de resto, é bem rica em vestígios arqueológicos, ainda que insistentemente destruídos nestes últimos anos. Referimo-nos tanto aos mais antigos, datáveis do Neolítico Final, de que se destacam as construções dolménicas, como de períodos mais recentes, sejam povoados, sejam as construções sepulcrais dos finais da Idade do Bronze ⁽¹⁶⁾.

3. Metodologia

Numa primeira fase — e após os registos fotográficos iniciais — procedeu-se ao corte da vegetação, constituída na sua maior parte por giestas de grande porte, numa área de 196 metros quadrados, correspondente a um quadrado de 14 m de lado, orientado a 40° para este do norte magnético. Projectaram-se, para isso, dois eixos ortogonais, interceptando o provável centro do monumento, a partir dos quais se efectuou a quadriculagem do terreno.

Concluídos os trabalhos de limpeza superficial, procedeu-se à divisão deste espaço em quadrículas com 2 m de lado; ao eixo SO-NE, foram atribuídas letras, de A a G; ao eixo SE-NO, atribuíram-se números, de 1 a 7 (Fig. 3).

⁽¹⁵⁾ Cfr. D. J. Cruz (1995), citado na nota 12.

⁽¹⁶⁾ Apenas como exemplo, lembramos a escavação desenvolvida, nos finais da década de 70, na necrópole da “Fonte da Malga”, localizada nos limites do concelho de Viseu (P. Kalb e M. Flock, «Escavações na necrópole de mamoas “Fonte da Malga” — Viseu, Portugal», *Beira Alta*, Viseu, 38, 1979, pp. 595-604; P. Kalb, «Reflexões sobre a utilização de necrópoles megalíticas na Idade do Bronze», *Estudos Pré-históricos*, 2, Viseu, 1994, pp. 415-426). No âmbito de um projecto desenvolvido pelo Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta iniciar-se-á, em 1997, sob a direcção de A. J. F. Cordeiro Canha, o estudo do povoado do Bronze Final de “Canedotes”, de que já se publicou uma curta notícia (R. Vilaça e D. J. Cruz, «Canedotes (Vila Nova de Paiva, Viseu). Povoado pré-histórico do Bronze Final», *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, 1995, pp. 255-261).

Fez-se ainda o levantamento topográfico da área quadriculada (Fig. 4), correspondendo a cota 0.00 convencional ao ponto mais alto de toda a área demarcada — esteio *in situ* da quadrícula D4. As leituras daí resultantes, com aproximação ao centímetro, são todas negativas.

Os trabalhos de escavação circunscreveram-se a duas valas de sondagem, interceptando a parte central do *tumulus*, com desenho das estruturas em diferentes plantas, à escala de 1:20, e registo fotográfico, a cores e em diapositivos; fez-se também o registo de perfis, por desenho, à mesma escala, bem como do espólio, apenas ao nível dos quadrados, face ao estado de conservação da área central do monumento.

4. Descrição dos trabalhos

O monumento 4 de “Rapadouro” apresentava-se, à data do início dos trabalhos, como um montículo de reduzida volumetria, quase não se destacando da paisagem envolvente, atingindo cerca de 0,70 m de altura; ao centro ressaltava um esteio, que sobressaía do *tumulus* cerca de 0,90 m. Este estava inserido numa construção historicamente recente — um abrigo de pastores (Fig. 5; Foto I); os sinais da sua utilização em tempos recentes eram visíveis nas terras superficiais do *tumulus*.

O montículo tumular tinha cerca de 10 m de diâmetro. Era essencialmente formado por blocos graníticos de tamanho pequeno e médio. Os sinais de destruição eram evidentes, particularmente se admitirmos que o *tumulus* original cobriria a construção megalítica central. Para além deste facto, identificaram-se vários fragmentos de lajes de maiores dimensões, eventualmente pertencentes aos esteios, ou outros elementos construtivos, da câmara funerária. Um destes elementos (C) estava integrado no referido abrigo (Fig. 5).

Feitas as observações iniciais e todos os registos inerentes, realizou-se a limpeza superficial do monumento. Devido ao seu estado de conservação, optou-se pela escavação em valas de sondagem: 2 m x 14 m nos sentidos SE-NO e SO-NE, passando ambas pelo centro do monumento, compreendendo as quadrículas D1 a D7 e A4 a G4 (Fig. 3). Este trabalho permitiu observar a estrutura pétreia artificial que, por vezes, se apresentava bastante desmantelada; neste contexto refira-se a existência de algum entulho no lado SE, em frente à entrada do abrigo, associado a grandes lajes (possíveis fragmentos de esteios), formando uma espécie de plataforma.

Durante os trabalhos de decapagem superficial apareceram abundantes fragmentos cerâmicos, especialmente nas quadrículas D2 a D4, esta última correspondendo à câmara funerária, identificada por um único esteio (E.1). Estes primeiros achados cerâmicos apresentam características de formas cerâmicas de idade histórica, relacionando-se, certamente, com o mencionado abrigo. Assim sendo, considerou-se irrelevante o seu registo tridimensional. Apareceram ainda fragmentos de xisto luzente, resultantes da decapagem superficial, muito provavelmente também eles em associação com a referida construção histórica.

Após o registo fotográfico e um esboço planimétrico do abrigo, por desenho, à escala de 1:20 (Fig. 5), procedeu-se ao seu desmantelamento com vista ao estudo de toda a área do monumento. Posteriormente realizaram-se duas sanjas, uma no sentido SO-NE, abrangendo todo o diâmetro do monumento, ficando esta com a dimensão de 14x1 m, e outra no sentido SE-NO, partindo do centro do monumento até à periferia do *tumulus*, no sector este, com a dimensão de 7x1 m. Esta ficaria finalmente com a dimensão de 8x1 m, com a escavação total da área da câmara.

Aquando da abertura das sanjas, apareceu na quadrícula D2 uma moeda medieval e uma lasca residual de sílex, ambas à profundidade aproximada de 0,10 m, a partir do topo do *tumulus*. Recolheram-se ainda fragmentos de cerâmica pré-histórica, em nível muito próximo do afloramento: na quadrícula F4 (três) e na E4 (dois), resultantes da peneiração das terras do *tumulus*.

Na área SO da sanja 1 assinalou-se uma grande laje granítica (B), disposta longitudinalmente, integrando a estrutura do “cairn”, *in situ*, perfeitamente imbricada com outras lajes e blocos, o que permite supor que nunca terá pertencido à câmara; admitimos que o seu não aproveitamento pelos construtores, para além das dimensões (aproximadamente dois metros de comprimento, variando a espessura entre 0,17 m e 0,30 m), terá ficado a dever-se à irregularidade do monolito.

Através das sanjas foi possível confirmar que o *tumulus* sofreu profundos remeximentos, em algumas zonas mesmo até ao substrato. No entanto, foi possível detectar elementos estruturais que ainda se encontravam na sua posição original, como é o caso de elementos pétreos bem imbricados, e também de lajes situadas nas quadrículas D2 e F4. As restantes quadrículas das sanjas revelaram uma desconexão muito grande, mas não muito ao nível do afloramento rochoso, pois apareceram lajes em posição quase horizontal.

À medida que aumentava o volume do *tumulus*, estas lajes surgiam colocadas em posição diagonal. Na zona SE na sanja 1, na área circundante da câmara, assinalaram-se lajes de tamanho médio *in situ*, que corresponderão às peças exteriores que consolidariam os esteios na sua posição original.

Após a abertura das sanjas efectuou-se o registo fotográfico e planimétrico à escala de 1:20 dos respectivos perfis (Fig. 6).

Simultaneamente, realizou-se a escavação da câmara que, face ao estado de conservação em que se encontrava, não foi mais que o seu esvaziamento. Retiraram-se algumas pedras, provavelmente de derrube, pertencentes às paredes do abrigo. Sob este enchimento dispunha-se um lajeado, correspondendo à base da referida construção, onde se recolheu um fragmento de arrecada, de bronze.

Com o progredir dos trabalhos, confirmou-se que o possível esteio situado a SE era apenas uma laje, resultante talvez de um esteio fragmentado. Após o seu registo fotográfico e desenho, à escala 1:20 (Fig. 7), também esta foi retirada, verificando-se que assentava sobre o que aparentemente era a base fracturada de um esteio (E.2) com cerca de 0,50 m de largura e 0,20 m de comprimento, identificando-se com o esteio da área SE da câmara; encontrava-se tombado, em posição quase horizontal, sobre alguns blocos, interpretados como calços desse mesmo esteio (Fig. 6).

No interior da câmara, quando do seu esvaziamento, identificou-se um esteio tombado para o interior (A), assentando sobre a camada de enchimento, o que lhe conferia uma posição diagonal, admitindo-se inicialmente que pudesse relacionar-se com um novo esteio.

Enquanto se efectuava a escavação da câmara apareceram vários fragmentos de cerâmica histórica, diferentes dos já referenciados na decapagem superficial da câmara, o que indiciava que também esta tinha sofrido profundos remeximentos (isto foi posteriormente confirmado com o aparecimento, ao nível do afloramento rochoso, de uma mancha muito negra, subcircular, com cerca de 0,50 m de diâmetro e 0,07 m de espessura, com abundantes elementos carbonosos, que corresponderá a uma fogueira recente, ocupando a área de implantação de um outro esteio, se consideramos os limites do "cairn", definidos a partir dos elementos pétreos conservados em posição original nesta área do monumento).

Após o esvaziamento integral da câmara ficou completamente visível o esteio anteriormente identificado (A), evidenciando algumas

fracturas não muito antigas. Associando isto com a sua forma subquadrangular, é possível que corresponda à laje de cobertura da construção dolmênica; tem as medidas aproximadas de 1,30 m x 1,30 m nos seus eixos maiores (Fig. 7).

Após o desenho deste elemento, à escala de 1:20, colocou-se em posição vertical dentro da câmara, de modo a facilitar os trabalhos de escavação da sua base, do que resultou o aparecimento de uma lasca residual de sílex, seis micrólitos, também de sílex, e uma micro-lasca retocada, em quartzo hialino (Fig. 9), indicando assim que esta área, embora sofrendo grandes remeximentos, estes não terão sido tão sistemáticos como em outras zonas deste espaço. Corroborando esta hipótese registou-se um fragmento de cerâmica pré-histórica ao nível do afloramento rochoso, sob a cascalheira que constituía o enchimento, talvez resultante de um forte remeximento da base rochosa, uma vez que esta cascalheira pertencerá ao “bed rock”; apresentava-se deslocada, desconexa e separada deste — formando um amontoado — especialmente na zona N e NO. Sob este elemento encontrava-se um pequeno pilar encostado a E.l e que terá provavelmente a função de calço (Fig. 7).

Devido aos revolvimentos registados na câmara funerária, não foi possível identificar qualquer fossa de assentamento de esteios, o que dificultou a definição da respectiva planta. Admitimos, aliás, que a maior parte dos esteios não estariam insertos em fossas (exceptuando-se E.l), face ao carácter rochoso da base. Considerando a disposição dos blocos e lajes que constituíam o “cairn” nesta área do monumento, admitimos que este *tumulus* poderá ter possuído originalmente uma câmara de planta poligonal, fechada (1,60/1,40 m de diagonal), formada por cinco, ou seis esteios (Fig. 8).

Como anteriormente já tivemos oportunidade de dizer, o monumento 4 do “Rapadouro” foi construído sobre leve ondulação do terreno, em área com solos magros ou inexistentes. Os trabalhos de escavação, a partir da análise de dois perfis, resultantes da abertura de duas sanjas no *tumulus* — SE-NO e SO-NE —, revelou uma estratigrafia muito simples, formada por terras castanho-alaranjadas, correspondendo ao nível de alteração do substrato e sedimentos infiltrados e acumulados na sua base, através da estrutura do “cairn”. Este facto, associado aos remeximentos revelados em várias áreas do monumento, justifica que não se tenham efectuado recolhas de sedimentos para a realização de qualquer tipo de estudo paleoambiental, bem como de amostras de material orgânico para datação pelo processo de Carbono 14.

No final dos trabalhos de escavação fez-se o enchimento das áreas escavadas e a consolidação, com terra e pedras, das estruturas identificadas, assim como a construção de um pequeno múrete, definidor da possível planta da câmara.

5. Espolio

O espolio fornecido pelo monumento foi recolhido na área da câmara, ao nível da base. Trata-se de micrólitos, sobre lamela, todos em sílex, predominantemente castanho escuro, de dimensões muito reduzidas e morfologia semelhante, classificáveis no grupo dos “segmentos” (17); a maior parte dos exemplares apresenta micro-fracturas nas extremidades (Quadro 1; Fig. 9-1 a 6).

Quadro I — Micrólitos geométricos

N.º Ord.	Matéria-prima	Dimensões (mm)			Secção	Retoque	Classificação (seg. G.E.E.M.)	Localização	Obs.
		comp.	larg.	esp.					
1	sílex cast. escuro	24,5	7	3	triang.	marginal e abrupto	segmento largo	D4: área da câmara	Inv.: 3/96/Lít.
2	sílex cast.	20,5	7	2,5	triang.	marginal e abrupto	segmento largo	D4: área da câmara	Inv.: 4/96/Lít.
3	sílex cast. escuro	17	7	3	triang.	marginal e abrupto	segmento largo	D4: área da câmara	Inv.: 5/96/Lít.
4	sílex cast. escuro	18,5	8	3,5	triang.	marginal e abrupto	segmento largo	D4: área da câmara	Inv.: 6/96/Lít.
5	sílex bege	17	8,5	2	trapez.	marginal e abrupto	segmento	D4: área da câmara	Inv.: 7/96/Lít.
6	sílex cast. escuro	19	8	2,5	triang.	marginal e abrupto	segmento	D4: área da câmara	Inv.: 8/96/Lít.

Ainda no âmbito da utilidade litica:

Uma micro-lasca retocada (N.º Inv. - 9/Lít.), em quartzo hialino, recolhida na área da câmara, ao nível do enchimento da base (D4); medidas: comp. - 16 mm; larg. - 10,5 mm; esp. - 2 mm; secção trapezoidal; dorso convexo, no lado esquerdo, com retoque abrupto e mar-

(17) Cfr. G. E. E. M. (1969), «Epipaléolithique-Mésolithique. Les microlithes géométriques», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 66, pp. 355-366 [“Études et Travaux”].

ginal; “encoche”, natural, no bordo direito; apresenta micro-fractura na extremidade distal (Fig. 9-7);

Duas lascas residuais, ambas de sílex, castanho-avermelhado (N.º Inv. - 1/Lít.) e cinzento (N.º Inv. - 2/Lít.), recolhidas nos quadrados D2 e D4.

Acrescem ainda cinco fragmentos cerâmicos, de feitura pré-histórica (quadrado F4) e um outro, no quadrado D4, correspondendo à área de implantação da câmara funerária. Pertencerão a mais do que um vaso cerâmico, cujas características, pelas dimensões dos fragmentos, não é possível definir.

Dos níveis superficiais da área central do monumento (C4, D3, D4 e D5) provém um pouco mais de uma centena de fragmentos cerâmicos pertencentes a vários vasos de idade histórica; no quadrado D4 recolheu-se também um fragmento de arrecada, de aro simples, em fio de bronze, e uma moeda medieval ⁽¹⁸⁾, materiais que mostram bem a inusitada utilização dada a este espaço, certamente como abrigo de pastores, desde tempos bastante remotos.

6. Considerações finais

O monumento 4 do “Rapadouro” apresentava-se como um *tumulus* baixo, inteiramente construído em pedra — “cairn” —, de planta circular, medindo cerca de 10 m de diâmetro, evidenciando remeximentos visíveis à superfície. O centro do montículo era ocupado por uma construção recente, certamente um “abrigo de pastores”, de planta rectangular, com paredes em pedra vã, na qual se integrava um dos esteios da construção megalítica original.

A sua localização é periférica relativamente aos restantes monumentos deste sítio, destacando-se na ambiência geográfica local, quer pelo relativo isolamento, quer pela implantação, aproveitando ligeira ondulação do terreno, situação que seria acentuada se o montículo artificial cobrisse originalmente a estrutura funerária central.

⁽¹⁸⁾ Os materiais metálicos encontram-se, para limpeza e tratamento, no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, findos os quais, conjuntamente com o restante espólio, serão depositados na Câmara Municipal de Vila Nova de Paiva. Aproveitamos a oportunidade para agradecer, na pessoa da sua Directora, Dr.ª Isabel Cunha e Silva, a gentileza com que esta Instituição, apesar das dificuldades de instalações por que passa, sempre atende as nossas múltiplas solicitações.

Apesar dos profundos remeximentos, particularmente na área central, identificaram-se *in situ*, na periferia da base da câmara, algumas lajes e blocos de dimensões médias, correspondendo aos apoios dos esteios da construção central; de facto, embora nos monumentos de tipo “cairn” não exista propriamente um “contraforte”, notou-se um trabalho mais elaborado do “cairn” nesta área, nomeadamente com a aplicação de blocos de maiores dimensões, perfeitamente imbricados, definindo, em grande parte, o “contorno” da construção original; assinalaram-se ainda alguns calços, que suportariam pelo interior os esteios da câmara, associados a uma base de esteio, fracturada e deslocada no sentido do centro do monumento mas mantendo a base na posição original, correspondendo ao esteio SE (E.2); por outro lado, não se verificou qualquer descontinuidade na estrutura do “cairn”, o que permite supor a existência de uma construção sem abertura de acesso.

Conciliando a informação resultante dos trabalhos de escavação, é possível considerar a existência na parte central deste *tumulus* de uma câmara funerária, de pequenas dimensões, fechada, talvez um dolmen de câmara poligonal simples, constituído por cinco ou seis esteios (considerando as dimensões dos dois elementos identificados, disposição dos calços e das pedras constituintes do “cairn” nesta parte do monumento), dos quais apenas se localizaram os dois já referidos e a provável laje de cobertura, fragmentada e disposta no interior deste espaço.

O revolvimento do *tumulus*, em geral, e da câmara, em particular, era visível, no primeiro caso por observação da desconexão das pedras superficiais do “cairn”, no segundo, pela existência de uma fogueira recente, quase ao nível da base, na área SO da câmara. Contudo, o *tumulus* ainda apresentava áreas bem conservadas, como é o caso das lajes que constituíam, na periferia, o seu limite mais exterior (pedras médias que consolidavam a estrutura e impediam eventuais escorregamentos dos elementos pétreos do centro do *tumulus*).

Apesar dos remeximentos, o monumento forneceu algum espólio, destacando-se a utensilagem lítica, à base de micrólitos, de pequenas dimensões, recolhidos no enchimento da base da câmara. A quase ausência de cerâmica fica a dever-se ao seu estado de conservação: de facto, originalmente terá contido mais do que um vaso cerâmico, de acordo com os vários fragmentos recolhidos, nomeadamente nas quadrículas E4 e F4.

No contexto do “Rapadouro”, o monumento 4 é um pouco discrepante. De facto, os restantes “caims” revelaram câmaras funerárias dimensionalmente limitadas, resultantes de soluções diversificadas: cista

megalítica, construída com oito pequenos esteios; outra cista, cujos esteios, de contorno rectangular, foram colocados no terreno segundo o eixo maior, proporcionando ao espaço o aspecto de “caixa”, de paredes baixas e planta rectangular; uma solução mista, com o aproveitamento das cavidades naturais existentes no substrato rochoso, complementadas por pequenas lajes, formando um espaço fechado, de planta rectangular.

As estruturas dos *tumuli* revelaram também algumas diferenças, ao nível do tipo e das dimensões dos materiais utilizados; de facto, naqueles, os construtores utilizaram sobretudo lajes, por vezes de grandes dimensões, evidenciando o aproveitamento de materiais soltos resultantes da fragmentação natural do granito; neste contexto, destaca-se, sobretudo, a ocorrência de grande número de blocos de quartzo leitoso, particularmente nos monumentos 2 e 3, por vezes muito fragmentados por acção térmica pós-deposicional, proporcionando ao montículo maior destaque visual que propriamente o volume do *tumulus*. Este elemento não existe no monumento em estudo.

A câmara funerária, avaliada a partir dos esteios *in situ*, da possível laje de cobertura, do espaço definido pelos elementos constituintes do “cairn” na área onde se implantava e, também, das inúmeras lajes e esteios dispersos à superfície do *tumulus*, eventualmente elementos da construção original, seria limitada, em planta, mas elevada (cerca de 1,60 m de altura), distanciando-se neste aspecto das câmaras funerárias, pequenas e muito baixas, dos monumentos próximos, lembrando as dimensões dos dólmenes simples que ocorrem em vários conjuntos megalíticos do Centro e Norte de Portugal, ou da Galiza, como acontece, por exemplo, na Serra da Aboboreira (19).

Não valorizando excessivamente o espólio, à base de micrólitos, do tipo “segmento”, que poderíamos qualificar de “arcaizante” e relacionável com os momentos iniciais do megalitismo peninsular (20), mas cujo valor como indicador cronológico é muitas vezes discutido, e sem prejuízo de uma avaliação mais aturada que venha a ser feita com outros dados, resul-

(19) Sobre este aspecto vide Cruz, D. J. (1992), *A Mamoa 1 de Chã de Carvalho no Contexto Arqueológico da Serra da Aboboreira*, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras [Conimbriga/Anexos, vol. 1].

(20) Cfr. Leisner, V. (1970), «Micrólitos do tipo tardenoisense em dólmenes portugueses», *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, II, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 195-198; Leisner, V. (1983), «As diferentes fases do Neolítico em Portugal», *Arqueologia*, 7, Porto, pp. 7-15. Vide outra bibliografia, para este aspecto, em Cruz, 1992, citado na nota 19.

tantes dos trabalhos de escavação arqueológica em curso na região, admitimos, com base nos elementos expostos, que o monumento 4 do “Rapadouro” poderá ter contido na sua parte central uma construção funerária de cronologia antiga, do tipo dolmen simples fechado, bem conhecido de outras áreas da Península Ibérica, distanciando-se cronologicamente das restantes construções sepulcrais deste sítio da Serra da Nave.

As construções de tipo “cairn”, nas regiões mais próximas da Beira Alta, têm sido relacionadas com momentos tardios da Pré-história Recente. E o caso dos monumentos identificados na Serra da Aboboreira — mamoa 1 e 5 de “Out.º de Gregos” e 4 de “Meninas do Crasto” (21) —, ou da Galiza, como a mamoa 1 de “Pedra de Xesta” (Boiro, Corunha) (22), envolvendo, quando existem, câmaras de tipologia diversificada, de carácter individualizante (23).

Esta solução construtiva não se circunscreve, no entanto, ao Calcolítico Final ou à Idade do Bronze. De facto, a escavação da orca de “Picoto do Vasco” revelou-nos um *tumulus* do tipo “cairn”, contendo no seu interior um dolmen “clássico” (24). Na Meseta têm também sido escavados monumentos — Valdemuriel (Tubilla del Agua), Las Amillas (Moradillo de Sedano), Ciella e La Mina (Sedano), etc. —, cujos *tumuli* são inteiramente construídos em pedra (25), cronologicamente inseríveis no Neolítico Final. Mais recentemente, na Beira Baixa, a escavação da Anta 6 do

(21) Cfr. Jorge, V. O. (1980), «Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos. Serra da Aboboreira, Baião», *Portugália*, nova série, I, Porto, pp. 9-28; *idem* (1982), «A Mamoa 5 de Outeiro de Gregos, um *tumulus* não megalítico da Serra da Aboboreira», *Arqueologia*, 6, Porto, pp. 32-39; *idem* (1983), «Escavação das mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto Serra da Aboboreira, Baião», *Arqueologia*, 7, Porto, pp. 23-39. Vide também, para outra bibliografia e questões de cronologia, Cruz, 1992 e 1995, já citados.

(22) Cfr. Criado, F.; Aira, M. J.; Díaz-Fierros, F. (1986), *La construcción del paisaje: megalitismo y ecología en la Sierra del Barbanza* (Galicia), Memorias “Arqueoloxía/Investigación”, A Coruña, Dirección Xeral do Patrimonio Artístico e Monumental/Xunta de Galicia, pp. 55-62.

(23) Mesmo na Beira Alta, alguns *tumuli* inteiramente construídos em pedra datam claramente dos inícios da Idade do Bronze, como é o caso do Monumento 2 da Serra da Muna (Campo, Viseu), estudado no âmbito de um projecto desenvolvido pelo Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, cujos resultados serão publicados brevemente.

(24) Vide nota 14.

(25) Cfr. Delibes, G.; Rojo, M.; Represa, J. I. (1993), *Dólmenes de La Lora. Burgos. Guía Arqueológica*, Junta de Castilla y León. Vide outra bibliografia referenciada no artigo mencionado na nota 12.

“Couto da Espanhola” (Idanha-a-Nova, Castelo Branco) revelou um “cairn” com duas câmaras funerárias na sua parte central, cuja cronologia, definida sobretudo a partir do espólio exumado, é atribuída pelos autores a um momento inicial do megalitismo⁽²⁶⁾.

Esta solução construtiva é, assim, comum dos momentos iniciais do megalitismo em algumas regiões da Península Ibérica, manifestando alguma diversidade ao nível da solução construtiva dos montículos que envolvem as câmaras funerárias, por imperativos meramente práticos, relacionáveis com a disponibilidade de matéria-prima, ou outros, não completamente averiguados.

Quanto ao monumento 4 do “Rapadouro”, não é, no entanto, por ora, possível definir com rigor a relação deste tipo tumular, contendo no seu interior dólmenes simples, com os monumentos de maiores dimensões, abertos, de estruturas do tipo “vestíbulo” e corredor ortostático, para além de outras estruturas relacionadas com o acesso e funcionamento dos espaços sepulcrais, porquanto a situação dos dólmenes simples na Beira Alta, embora existentes, é ainda incerta, e as contribuições resultantes dos trabalhos de campo em alguns conjuntos megalíticos do Centro-Norte de Portugal não têm sido, neste sentido, significativas.

Admitimos, como aliás outros investigadores ⁽²⁷⁾, ainda que não o possamos demonstrar, que os dólmenes simples, também na Beira Alta, corresponderão a um primeiro momento do megalitismo da região, situável genericamente na 2.^a metade do V milénio a. C., evoluindo para construções megalíticas estrutural e funcionalmente mais complexas, tradutoras de um crescendo demográfico, complexificação social e relação nova com o meio ambiente, tanto no aspecto simbólico, como económico, observável no ritual, na cultura material, na localização, dimensionamento e monumentalidade, tal como, cremos, é claro no megalitismo do Norte de Portugal e algumas outras áreas da Península Ibérica.

Coimbra, Abril de 1997.

⁽²⁶⁾ Cfr. Cardoso, J. L.; Caninas, J. C.; Henriques, F. R. (1995), «A Anta 6 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova)», *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, pp. 19-37.

⁽²⁷⁾ Cfr. Arnaud, J. M. (1978), «O megalitismo em Portugal: problemas e perspectivas», in *A etas das III Jornadas Arqueológicas. 1977*, vol. I, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1978. pp. 97-112; Jorge, S. O. (1985), «Datas de Carbono 14 para a Pré-história recente do Norte de Portugal: os dados e os problemas», *Arqueologia*, 12, Porto, pp. 154-183.

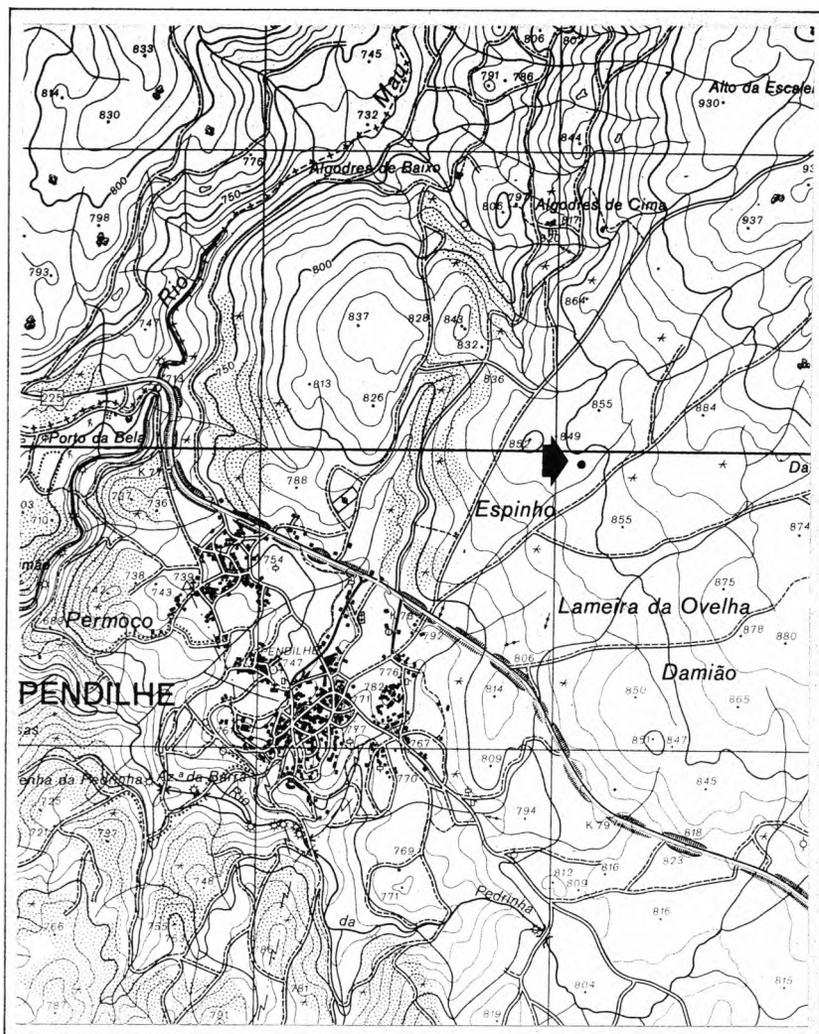


Fig. 1 - Localização do monumento ("Carta Militar de Portugal" na escala de 1:25.000, folha 157 - Castro Daire, 2.^a edição, 1987).

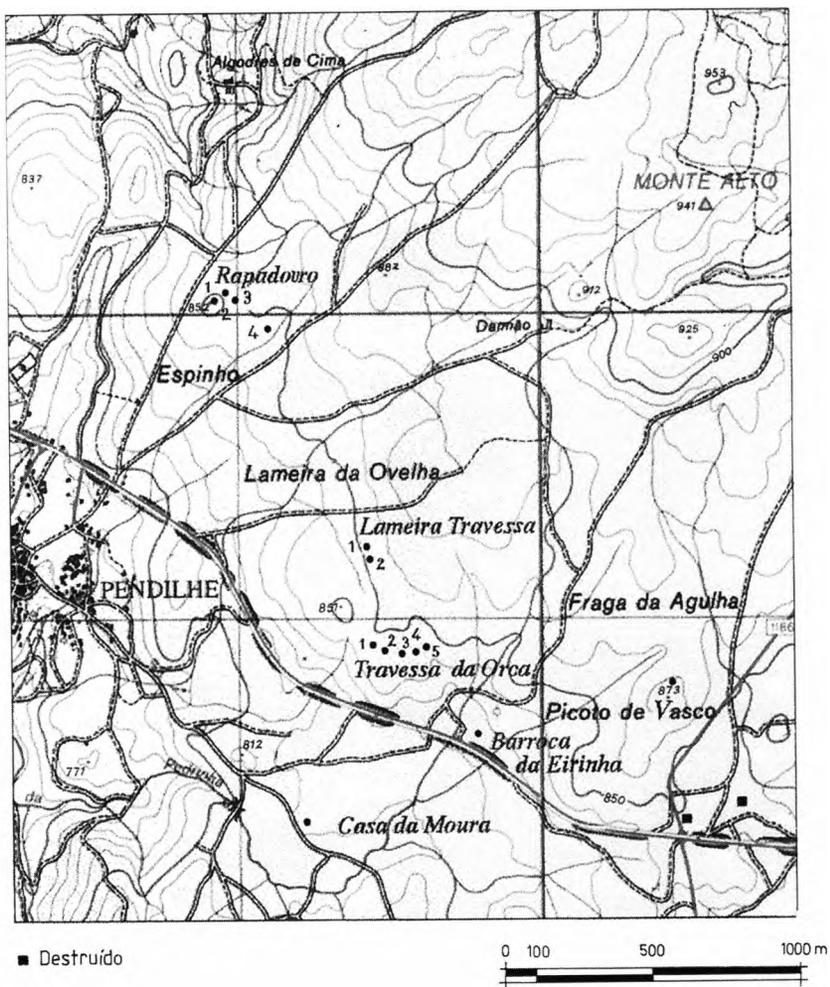


FIG. 2 - Monumentos com *tumulus* da área de Pendilhe. Base cartográfica: “Carta Militar de Portugal”, 1:25.000, folha 157 - Castro Daire, 1987).

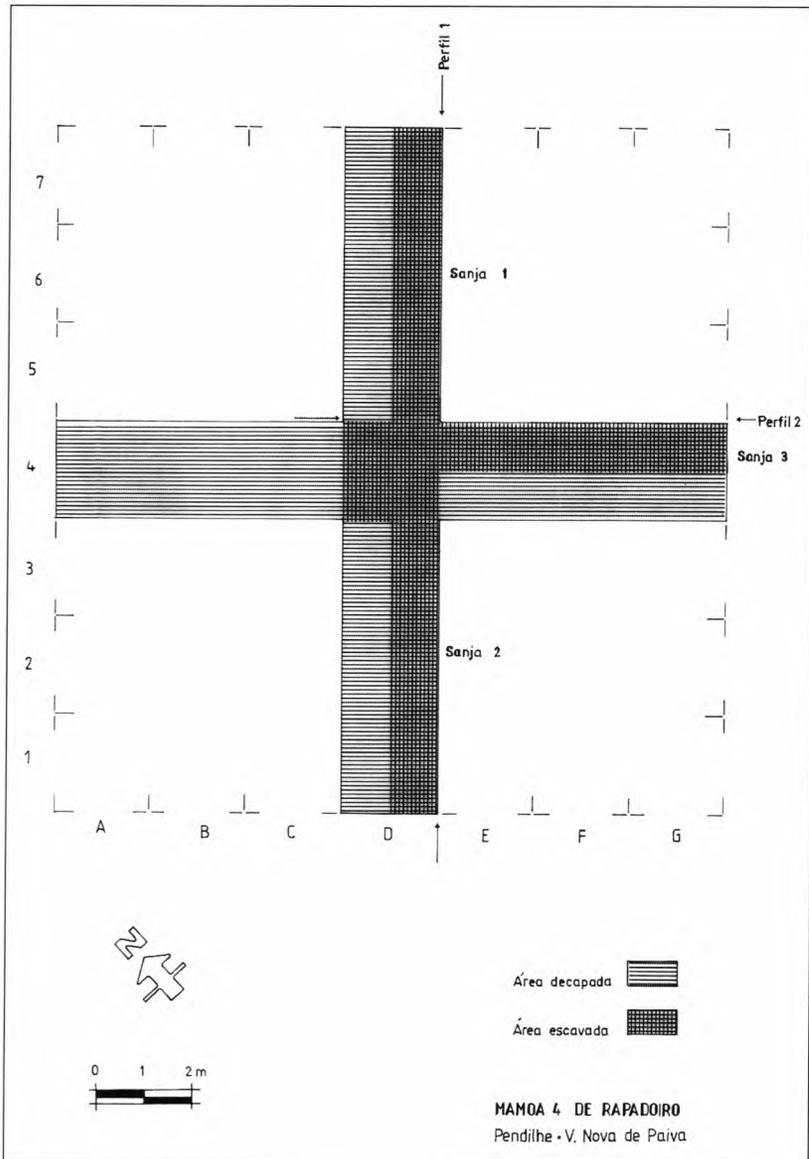


FIG. 3 - Plano da escavação.

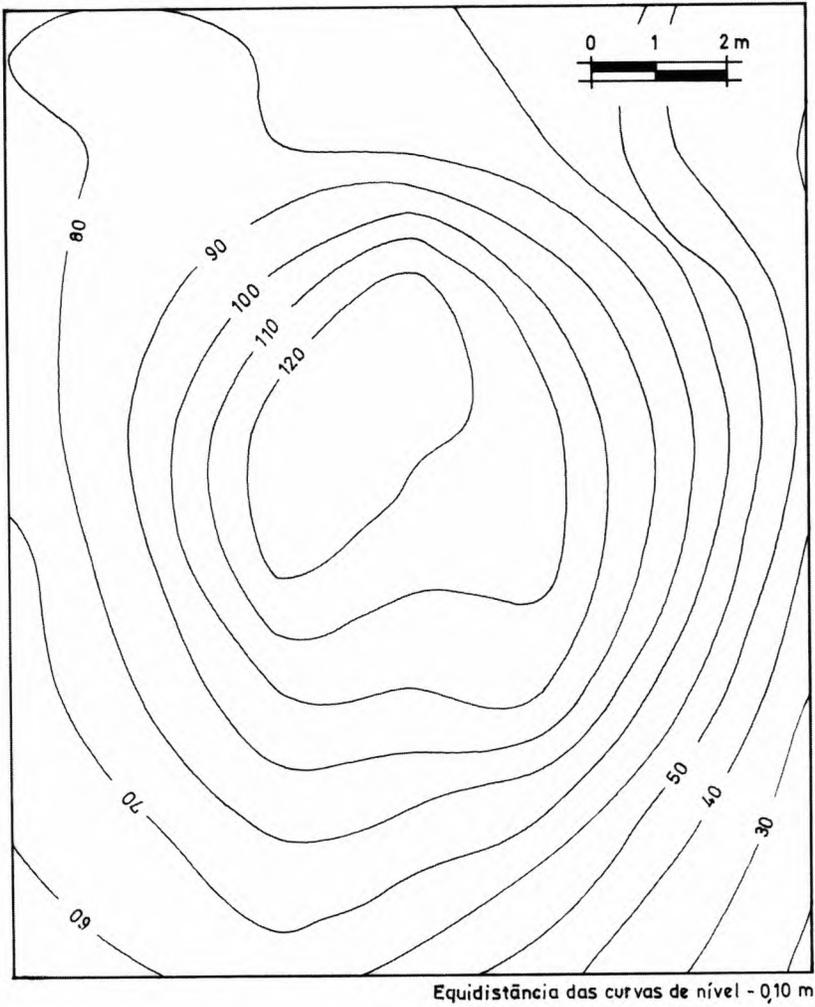


FIG. 4 - Levantamento topográfico.

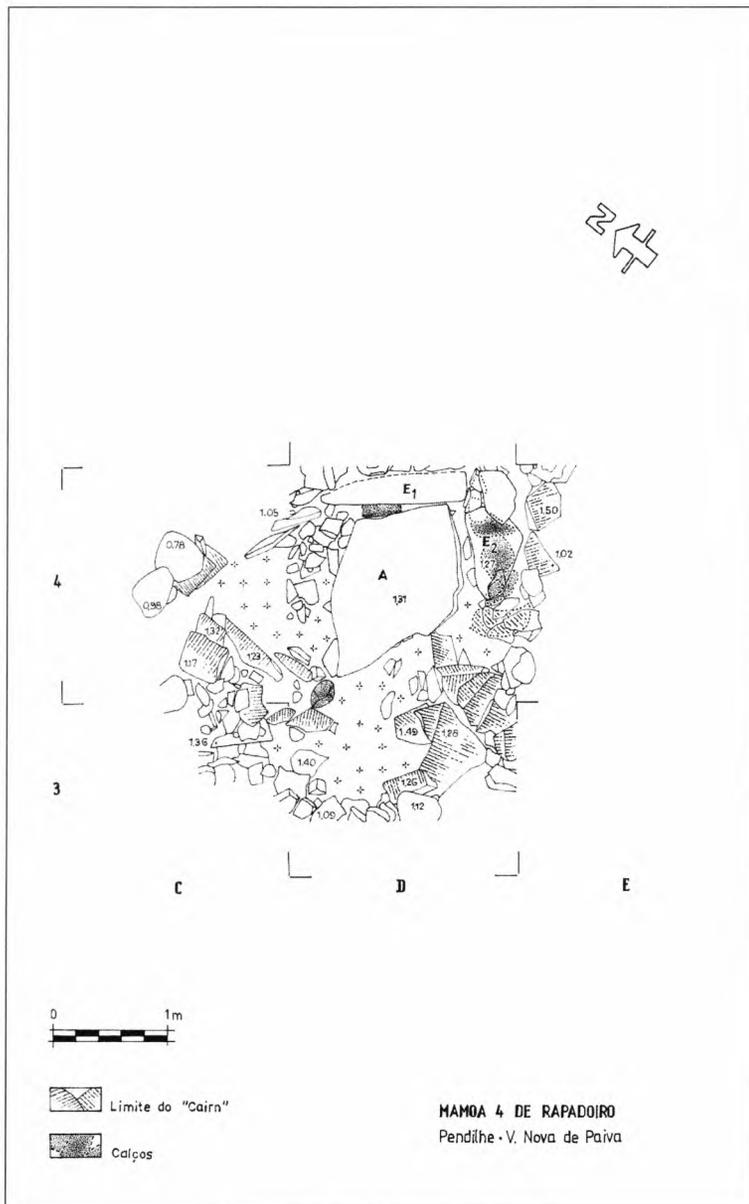


FIG. 7 – Planta da área da câmara.

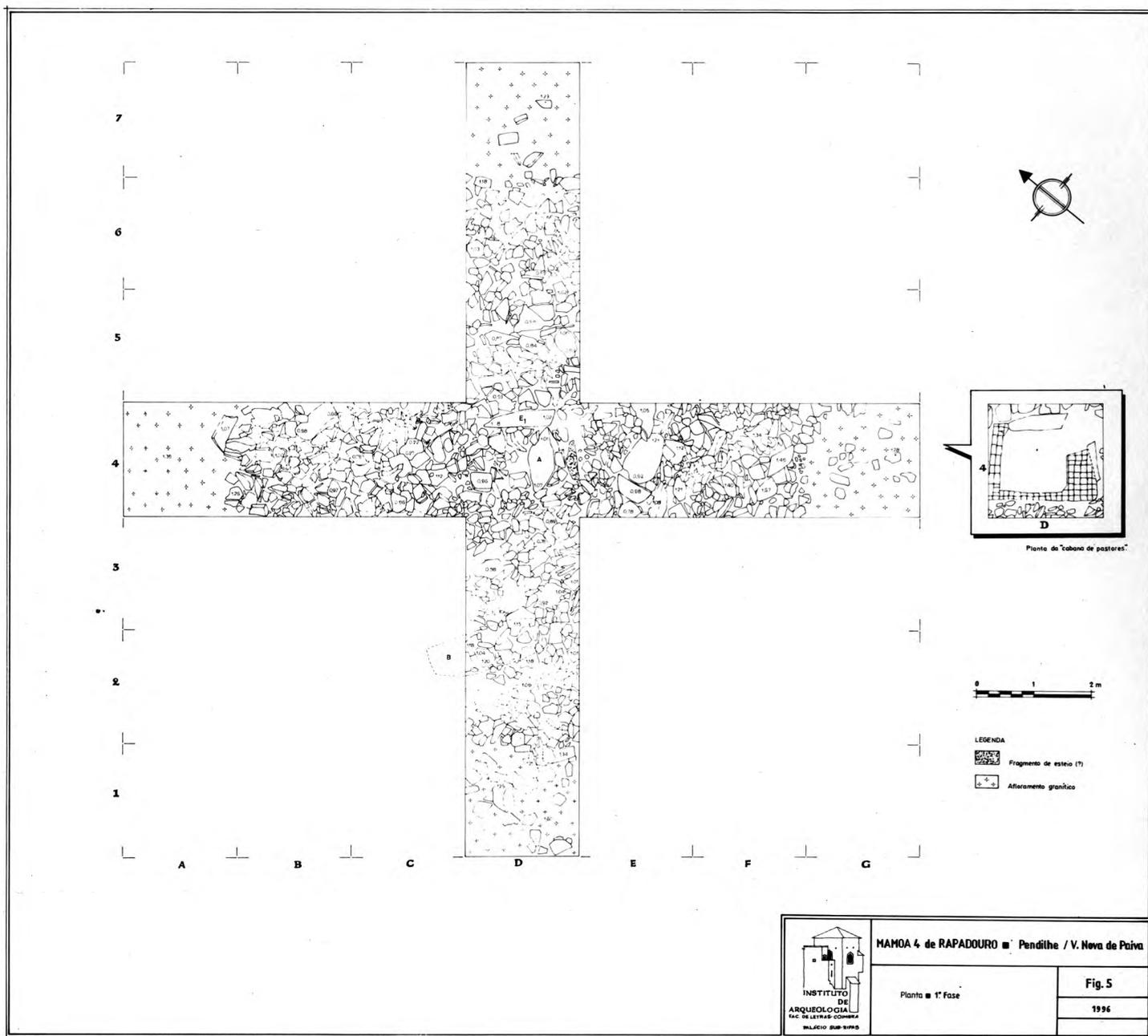
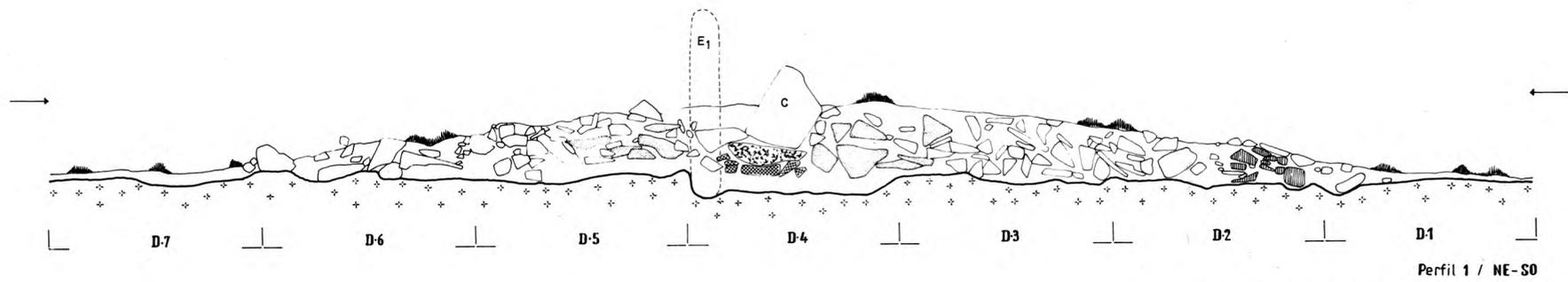
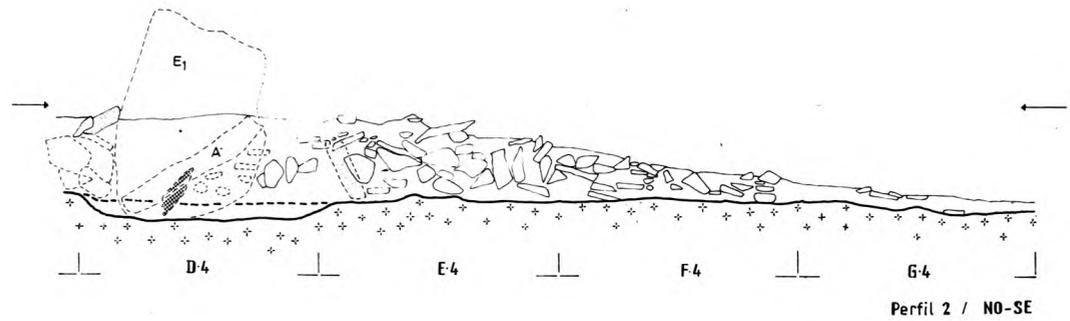


FIG. 5 – Planta do monumento.

(Página deixada propositadamente em branco)

LEGENDA

-  "Cairn"
-  Lajes de reforço do "Cairn" na área da câmara
-  Pedras de fecho do "tumulus"
-  Fragmento de esteio
-  Calços
-  Afloramento granítico



MAMOIA 4 DE RAPADOURO ■ Pendilhe · Vila Nova de Paiva
1996

FIG. 6 – Perfis 1 (NE-SO) e 2 (NO-SE).

(Página deixada propositadamente em branco)

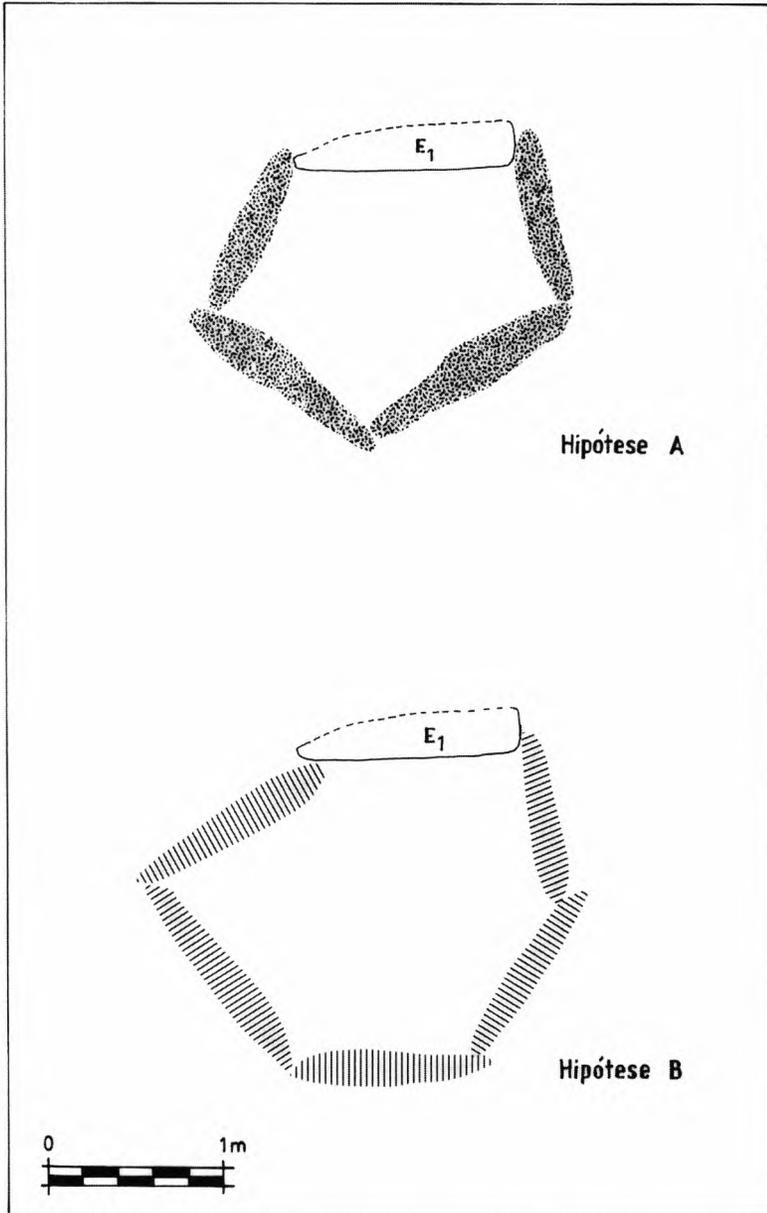


FIG. 8 – Reconstituição hipotética da planta da câmara.

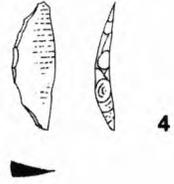
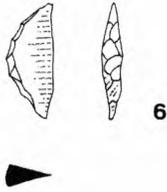
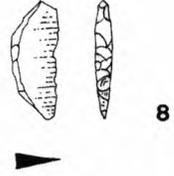
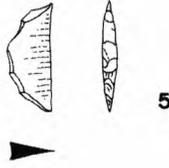
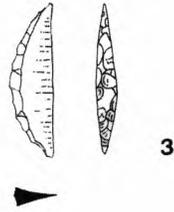


FIG. 9 – Espólio lítico.



FOTO 1 — Aspecto do “cairn”, em fase de escavação, no centro do qual foi construído um “abrigo de pastores”, aproveitando os elementos megalíticos da câmara funerária original. Obs. de sudeste.

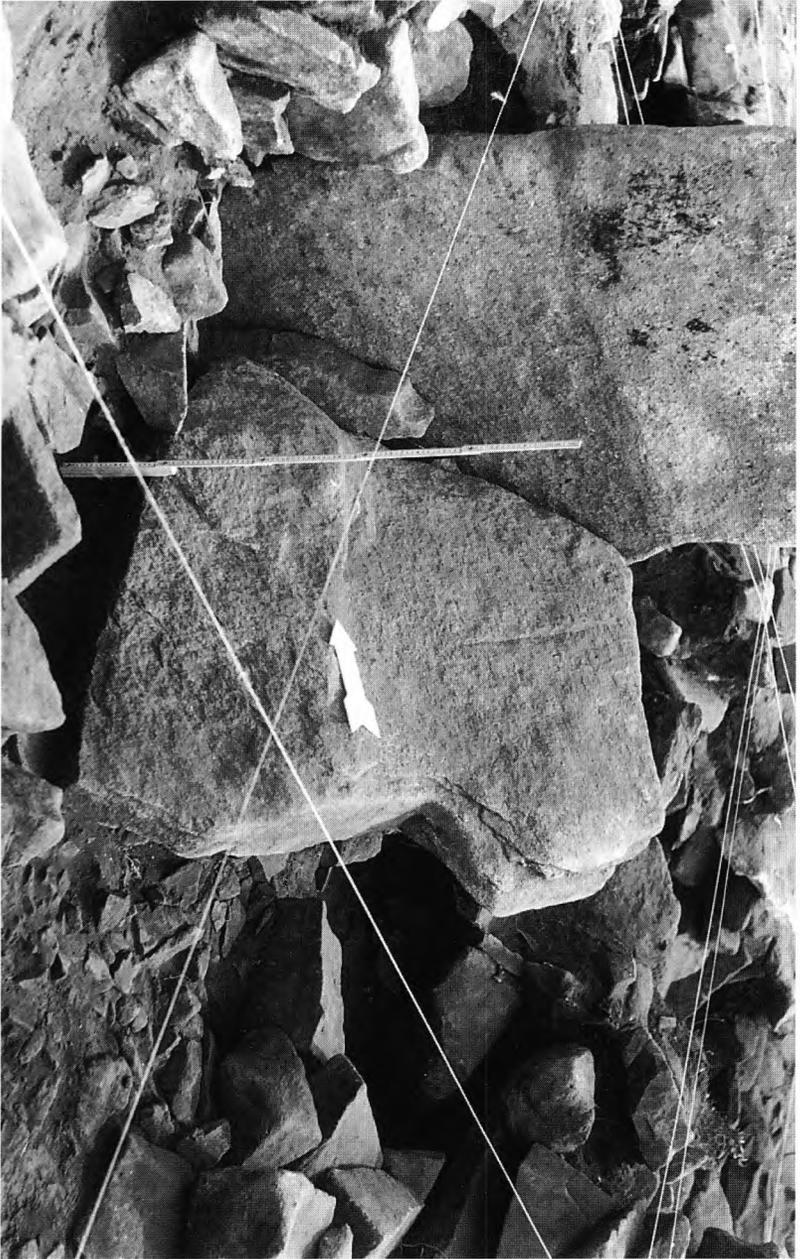


Foto 2 — Área da câmara. Esteio *in situ* e possível lajê de cobertura (fragmento).
Obs. aprox. de oeste.